

PRODUÇÃO EM MOVIMENTO

Constelações são produções em movimento. O número que ora se lança, seguindo-se ao anterior, *A estética do fragmento*, parte de um duplo sentido de movimento na produção cultural, tanto no que se refere à atualidade do que se produz como ao resgate da polimorfia de suas texturas. O seccionamento em seis partes da revista salienta, a partir de um quadro teórico que se apreende através de fragmentos inseridos entre um e outro artigo (Derrida, Deleuze, Bourdieu, Bataille, *et alii*) a abertura de alguns cenários da produção moderna (teatro, texto, interdiscursividade) desencadeadores de movimentos que ora descrevem cruzamentos, ora substituições, desterritorializações ou transformações que se expandem diversificadas: formas que se cruzam em suas representações, economias que se substituem em suas mudanças valorativas, em trabalho e função, razões históricas e científicas que se transformam assim como os territórios e as instituições que as legitimaram e constituíram; e, por conseguinte, o engendramento de formas poéticas que se dobram, que transbordam, e que, voltam às origens sagradas das trocas primitivas. Daí os blocos: *Produção de texturas, As duas faces da moeda, Viagens: raízes e ilhas, Dobras poéticas, Poéticas do gasto, Economias poéticas*.

O primeiro bloco, ao resgatar a produção das suas formas como movimentos culturais, expõe o teatro do texto espetacular na atualização do "momento cerimonial"; assim, o ponto de vista (o autor) se desvenda de um corpo que escreve ao ser incorporado à textualidade, nas estratégias políticas de sepultamento; no mesmo movimento, o texto interdiscursivo cruza o literário ao pictórico e ao historiográfico. O segundo bloco enfoca, a partir da figura transicional de Machado de Assis, a dobra de uma textura histórica entre o arcaico e o moderno, entre as economias simbólicas e a capitalista, entre o labor e o trabalho, entre a arbitrariedade monetária e a herança patrimonialista: do dom ao vício. O terceiro bloco circula por ensaios, crônicas, diários de viagem, em seus processos históricos/historiográficos, do desterramento das raízes e dos valores às travessias oceânicas de suas experiências

científicas, das ilhas-laboratório às ilhas-latifúndio, em incessante conquista de espaços. O quarto bloco, a partir das poéticas dobradas, se abre à diferença e às desdobras barrocas que vão ao infinito. No quinto, a produção poética se move pelo desejo: seu gasto perdulário resiste às representações da riqueza por acúmulo, ou por razão, em extrações inconformes, excessivas, em seu proliferar. O sexto coloca em movimento os extremos poéticos da atualidade de trocas consumistas à volta aos cultos sagrados originários.